

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 40

DOMINGO - 14 de Março de 1954

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 69

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

AS ACTIVIDADES REGIONAIS SERÃO BENEFICIADAS COM A CRIAÇÃO DA ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL

CADA vez mais acentuado o interesse das populações do nosso concelho e do vizinho concelho de Castro Marim pela criação da nossa escola técnica. Esse interesse exterioriza-se não só nas conversas e no desejo de se saber o que há de novo como também nos aplausos que nos têm sido dirigidos de vários sectores, um dos quais o das pescas, onde começam a escassear bons motoristas, especialmente com bastantes noções de mecânica que lhes permitam zelar devidamente e com perfeita competência as máquinas que lhes estão confiadas.

Não faz sentido, de facto, que tendo nós em Tavira uma Escola de Pesca não tenhamos, num dos maiores centros piscatórios do país, que é Vila Real de Santo António, uma Escola Técnica

que habilite rapazes a bem desempenharem a função de motorista. É preciso considerar que a nossa frota motorizada (traineiras e enviadas, barcos da carreira de Aiamonte e reboques) ultrapassa

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)



Vila Real de Santo António — Vista parcial (lado sul)

“CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO”

PELO DR. CRUZ MALPIQUE

CANIÇOS PISADOS

EM CARTA a José Luciano, escrevia Mousinho: «Tem-me sucedido, por várias vezes, em África, ao atravessar pântanos, dobrar, com um pé, um caniço, que, depois de eu passar, se endireita, rapidamente, justigando e enlaçando-me a cara.»

É assim, à maneira dos caniços pisados, que procedem os invejosos. A gente pisa-os com alguma obrinha de jeito, com algum acto de

merecimento, e logo eles, nas nossas costas, se endireitam, para nos enlamearem a reputação. Na impossibilidade de fazerem alguma coisa, e feridos com os méritos alheios, dizem destes o que Mafoma não disse do toucinho.

BOM SENSO

UMA senhora norte-americana, residente na Índia, mandou chamar, um dia, o electricista, para lhe fazer uns serviços de instalação, numa sala. Veio o electricista, mas, começada a tarefa, estava o nosso homem a incomodar constantemente a senhora, com perguntas. Até que a senhora, maçada, lhe observou:

— «Não lhe disse já o que pretendia? Com um bocadinho de bom senso, a obra estaria já concluída...» Curvou-se o electricista, e, cortêsmente, respondeu:

— «Minha senhora: a técnica é obra dos homens; o bom senso é dádiva de Deus, e poucos são os contemplados com esse presente.»

O indiano dizia bem. Aprende-se a técnica, não se aprende o bom senso, como não se aprende o génio. Ou nascemos com estes dons, e a coisa, combinada com a técnica, é ouro sobre azul, ou nascemos destituídos deles, e não há escola que no-los ministre. Quod natura non dat, Salamanca non praestat...

CRIMINOSOS

JÁ SE TEM comparado o criminoso ao microbio, que se mantém anódino até o dia em que encontra meio próprio para fazer das suas. E mais se tem dito que não é o atavismo, mas o meio social que faz o criminoso—tendo cada sociedade os criminosos que merece.

É, na verdade, assim como as doenças corporais e a mortalidade são directamente proporcionais à precária higiene que se pratica numa sociedade, podendo dizer-se, por analogia, que cada sociedade tem

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

AFINAL NÃO FORAM OS ALGARVIOS QUE FUNDARAM MOÇÂMEDES

CRIARAM, SIM, AS POVOAÇÕES DE PORTO ALEXANDRE E BAIÁ DOS TIGRES

TODOS estávamos convencidos de que a cidade de Moçâmedes tinha sido fundada por algarvios, pelos nossos vizinhos olhanenses, cujas tradições de navegadores e de bravura são proverbiais. Mas deparou-se-nos, no nosso prezado

colega «O Sul de Angola», que se publica naquela cidade, um artigo assinado pelo sr. Dr. Manuel Júlio Mendonça Torres, refutando as afirmações feitas pelo sr. Armando Carneiro, no também nosso prezado colega «Comércio de Portimão». Desse artigo

damos a seguir alguns extractos, e interessante seria que os nossos compatriotas documentados sobre o curioso problema procurassem esclarecê-lo melhor, na parte que à nossa gente diz respeito.

Eis os extractos:

Em «O Sul de Angola», semanário defensor dos interesses de Moçâmedes, lemos, com justificado assombro, a transcrição duma notícia, relativa à entrevista, concedida pelo sr. Dr. Armando Carneiro ao jornal «Comércio de Portimão», a que se refere o n.º 1.052 daquela folha, de 21 de Novembro último.

Nessa entrevista, fazem-se afirmações sem fundamento aceitável, cheias de erros e de anacronismos, que, por isso, nos propomos, desde já, rebater.

Mas vamos à entrevista.

Transcrevendo... «Mas há quem afirme terem sido os pernambucanos os fundadores (de Moçâmedes).

Não é verdade e, quando digo não é verdade, é porque possuo a certeza dos factos, porquanto tenho em mim que a verdade histórica não pode nem deve basear-se em hipóteses nem em fantasias criadas com maior ou menor brilho pela imaginação dos historiadores.»

Na primeira linha, descobrimos já uma inexactidão. Os pernambucanos? Certamente, o Dr. Armando Carneiro queria dizer «Os Portugueses Emigrantes de Pernambuco». Não é indiferente. Nem todos eram naturais de Pernambuco. Assim, por exemplo, o chefe da Primeira Colónia, Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro, era natural de Nogueira do Cravo, distrito de Coimbra, província da Beira-Alta, e chefe da Segunda Colónia; José Joaquim da Costa, era natural de Vila do Conde (distrito do Porto); Manuel José Alves Bastos, componente da Primeira Colónia, era natural de Fermil (distrito de Vila Real de Trás-os-Montes); Manuel Joaquim Torres, componente da Segunda Colónia, era natural da ilha de São Miguel (Açores); José Rodrigues Pinto da Maia, componente da Segunda Colónia, era na-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

A GRANDE IMPRENSA DA CAPITAL APOIA A NOSSA CAMPANHA

A FAVOR DA ESCOLA TÉCNICA

O importante vespertino lisboeta «Diário Popular», na sua página dedicada às províncias, publicada no dia 11 do corrente, inseriu um artigo em defesa da criação de uma Escola Comercial e Industrial nesta vila, ilustrado com uma fotografia da nossa terra.

Além do colosso informativo «O Século», mais um grande órgão de opinião vem juntar a sua voz à nossa, para um objectivo justo e legítimo, de projecção mais que local, o que muito nos regosija.

Ao «Diário Popular», os nossos agradecimentos.

O aplauso do Município de CASTRO MARIM

à criação de Escola Técnica de Vila Real de Santo António

Do prestigioso e autorizado jornal «O Século», transcrevemos a seguinte local acerca da criação de uma Escola Técnica, aproveitando o ensejo para saudar o grande órgão de opinião e agradecer o interesse que lhe tem merecido a justíssima pretensão desta progressiva terra algarvia:

«Do sr. Jacinto Andrade de Figueiredo, vice-presidente em exercício da Câmara Municipal de Castro Marim, recebemos o seguinte ofício, cujos termos muito agradecemos:

Tendo esta Câmara conhecimento pela local publicada no dia 4 do corrente, no jornal «O Século», de que V. é mui digno director, do pedido de criação de uma escola comercial e industrial em Vila Real de Santo António, melhoramento que também muito interessa à população deste concelho, visto que uma grande parte dos seus habitantes têm a sua vida ligada àquela vila, não pode esta autarquia ficar indiferente a uma obra justa, melhoramento em prol da instrução profis-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

Apontamento

A menina vestida à Holandesa. Aquela expressão carrancuda. Os modos sacudidos, bruscos... Desolação! Que senhora holandesa tão pouco... holandesa. A culpa deve ser do vestido. Pesadão, por certo. Move com dificuldade o pescoço, como se o tivesse entre talas. Mas a satisfação da mãe e das tias... Aqueles olhos felizes... Aquele sorriso debruçado nos lábios...

Voar

Uma ave tocou, com a ponta das asas, os vidros da minha janela. Depois, desapareceu num vôo impetuoso. Obrigado, amiguinha! Miraculosamente, a minha tristeza afrouxou. Não conforta ver, ao menos, os outros voarem?

Romance

A M. arranjou namoro. Trata-se de um rapaz bastante mais velho do que ela. Pelos modos, isso não constituiu impedimento. «É um bom rapaz, empregado num banco, tem um bom ordenado, o resto são tretas.»

Talvez sim, talvez que o resto sejam mesmo tretas, como diz a M. Simplesmente, eu, se fosse o tal «empregado num banco» estremeceria de horror...

Gamlhos

Há uma expressão escolar a que tenho desamor. É a «disciplina de ferro». Quando um professor mantém uma «disciplina de ferro» na aula, não preciso de nada mais para saber—como diz a canção—«que o seu caminho era outro.»

Ambiente

Tão moralistas... Aquelas bicadas tão carregadas de ácido... Aquele prazer em demolir... Em triturar lentamente o nome alheio... Em triturá-lo, gostosamente, entre os dentes cariados e podres...

Palavras

As palavras, às vezes, são como os reposteiros pesados: é preciso afastá-los, se queremos ver o que se passa dentro de casa.

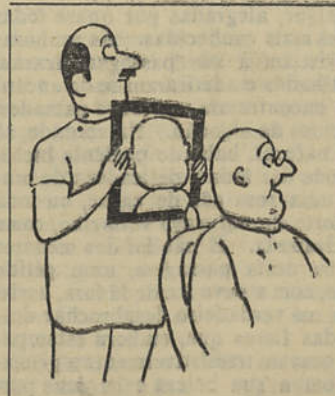
CRÓNICAS SEM IMPORTÂNCIA

Por RODRIGUES PENA

I

ESTE nosso amigo, que é um bom e inteligente rapaz, sofre dum grande defeito: é desairadamente dogmático nas suas afirmações e juízos. Convenceu-se de que conquistou a infalibilidade, essa virtude que permite a qualquer mortal evitar o erro, ajuizar com acerto, prever com domínio os acontecimentos do futuro. Mas não o confundamos com esses profetas de má morte, essa escória de oportunistas e videiros, que remam sempre

O RISO DA SEMANA



Sem legenda

ao sabor dos bons ventos e da corrente.

Não, o nosso amigo Olegário Boavida da Felicidade Constante reclama-se da ciência, da mais alta ciência.

Claro que, no seu dogmatismo, esquece-se lamentavelmente de que a ciência não pode ser dogmática, que a verdade na ciência está também sujeita a erros, a refutações.

Mas digam disso ao Olegário, sobre-lhe isso, benévola e honestamente, aos ouvidos, e verdo como o nosso homem barafusta, se congestionada e grita desesperadamente, como se lhe atirassem à flor do rosto a coisa mais insólita e vergonhosa

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

BAIRRO DOS POBRES

Uma Comissão de moradores do Bairro dos Pobres, desta vila, veio à nossa Redacção expor-nos as dificuldades e inconvenientes que a falta de iluminação eléctrica, tanto nas ruas como nas casas, provoca aos numerosos habitantes daquele Bairro.

Ao fazermos-nos eco desta justíssima pretensão, podemos acrescentar, com o maior prazer, que, segundo fomos informados, o plano de electrificação do referido Bairro já se encontra concluído e devidamente aprovado, devendo a sua execução iniciar-se, dentro de breves dias.

Pela Vila

Na Rua Teófilo Braga, já estão colocados os postes luminosos de sinalização de trânsito, para veículos vindos das ruas transversais. Falta agora uma iluminação conveniente e definitiva, na mesma importante artéria.

Já se encontram plantadas, ao redor da Praça Marquês de Pombal, as lancheiras que substituem as acácias primitivamente ali existentes. A iluminação do local também foi melhorada com mais quatro candeeiros, de uma só lâmpada, de tipo semelhante aos restantes, de dupla fonte luminosa.

Continuam os trabalhos de construção do jardim marginal, na Avenida da República, defronte ao hotel. Esperamos que, no próximo verão, já este logradouro público possa ser disfrutado pela população, especialmente a infantil.

Para quando a criação, nesta vila, dum Lactário ou Instituto Materno-Infantil, que muita e benéfica actividade teria a desenvolver, num meio excessivamente proletariado, como é o nosso? Loulé, em que os problemas sociais não apresentam a agudeza dos daqui, vai possuir uma instituição deste género. E Vila Real?

PARA SI, minha Senhora

A Linha «Palmeira» e o Jardim da Primavera

por Noémia Gil Faria

PARIS não nos revela, por enquanto, os seus segredos. Esta semana, apenas vários «diz-se-diz-se» correm pelos meios interessados no assunto modas. Eis alguns dos «boatos»:

...Dior dará à sua colecção o nome de «Alegria de viver» e nela aparecerão modelos inspirados em trajes folclóricos de todo o mundo. As saias serão, é claro, ligeiramente mais curtas e os corpos bastante justos. Os modelos terão várias peças-acessórias que permitirão modificá-los para duas ou três horas no dia.

...Fath apresentará modelos muito colados ao corpo, mas dando bastante relevo aos ombros.

...Balmain tem uma colecção que, na sua maior parte, foi inspirada nos lindos modelos que Danielle Darrieux apresentou no seu filme «Madame D.» — com a cintura bastante alta, para alongar a silhueta, e fartamente guarnecidos com barras de pele.

...Dessès desenhou toda uma colecção dedicada às senhoras baixas. Os saia-e-casaco serão a grande novidade deste costureiro. Dizem que foram inspirados nos trajes masculinos de 1830, com a mesma abundância de «bofes» de renda e guarnições de raposa em novos tons.

...Consta, ainda, que nas cores da nova moda haverá predominância de tons esbatidos e que predominarão os cinzentos, os «beiges», os azuis e rosas claros e o tom da seda crua.

Em compensação, os grandes criadores de modelos londrinos já começaram com as suas apresentações. A passagem de modelos de Cavanagh constituiu verdadeiro triunfo para o artista, que se foi inspirar nas árvores, flores e motivos da selva. Deu à sua linha o sugestivo nome de «linha palmeira». É elegantíssima esta linha, com a saia travada, a ausência de cinto e os ombros muito valorizados, «caindo» em arco, como as folhas da linda árvore que deu o nome à nova linha. Segundo a opinião de Winifride Jackson — a conhecida redactora de modas inglesas — não é possível a ninguém dizer que a mulher inglesa se amedrontou algum dia perante as cores fortes nos vestidos, mas que, na verdade, para ver a colecção de Cavanagh há quase a necessidade de usar óculos escuros, tal o brilho dos verdes das folhas e o colorido forte das flores tropicais, empregados pelo famoso costureiro nos seus lindos modelos. Enquanto nos vestidos, para as horas elegantes do dia, a graça dolente da folha da palmeira é copiada nos ombros, nos vestidos de noite ela aparece logo abaixo da altura da cintura, conduzindo o seu arqueado e verdadeiro desenho da saia. Além dos coloridos da selva, de que já falámos, Cavanagh apresenta, ainda, o coral em três tons: coral-cravo, coral-chama e coral-branco. Para os saia-e-casaco, prefere o azul-sombra (muito escuro) e o «beige» areia-de-praia.

Os linhos apareceram em profusão, sendo a maior parte modelos guarnecidos com fitas, «tweed» de algodão, «chiffon» e, nos vestidos para as horas mais elegantes, barras de raposa.

Esta colecção, apesar de exótica à primeira vista, é agradável e fácil de vestir.

Outra passagem importante, em Londres, foi, também, a de Hartland. Esse marcou pelos acessórios e, sobretudo, pela volta, como grande senhora, da raposa prateada. O costureiro empregou-a em regalos, em golas, em barras e barrinhas e até em franjas de chales. Parabéns às senhoras lisboetas, que tanto admiram e tão fiéis foram, durante tantos anos, à simpática papa-galinhas. (Aqui para nós, confesso a minha total ignorância quanto à alimentação das raposas «argentées». É possível até que nem gostem de galinhas.)

A linha de Hartland também é esguia, com a saia igualmente travadinha, os ombros arredondados, mas o busto valorizado. É a linha «corpete». Basta lembrarmos-nos daqueles antigos corpetes cortados a jeito, em quatro ou cinco panos, ainda hoje usados pelas saia-las mais idosas, para vermos nitidamente a linha apresentada pelo costureiro em quase todos os seus modelos. Não sei, porém, a aceitação que as senhoras irão dar à sua linha «corpete». Depois dos trinta anos, só com uma dieta verdadeiramente espartana, talvez acompanhada de sessões de rigorosa massagem, as senhoras conseguirão usar estes vestidos. É, efectivamente, uma linha difícil. Tanto mais que todas nós esperamos de Paris — baseada na nova voga de chapéus — uma moda ligeira, quase sem cintura e que nos permita comer sopinha e bombons.

As sedas naturais estampadas, que Hartland apresentou, eram de uma bele-

Noticiário da Província

OLHAO

Foi inaugurada uma cantina escolar

Com justificado brilho, inaugurou-se, no passado dia 10, solenemente, uma cantina que ficará servindo as escolas do Bairro dos Pescadores de Olhão.

Ao acto presidiu o Chefe do Distrito, que se fazia acompanhar do Director Escolar nesta província, sr. Virgílio Ferreira Faguiha. Apresentaram cumprimentos de boas vindas ao Governador Civil os srs. Tenente José Justiniano do Nascimento e António Reis Almodôvar, e Dr. Luís Bernardino da Silva, em nome da Casa dos Pescadores; Joaquim Fontes da Conceição Pacheco, Vereador Municipal, em representação do Presidente do Município, ausente no estrangeiro; e José Reis Viegas Silva, pela Comissão Concelhia da União Nacional.

Numa das salas das escolas, realizou-se uma breve sessão solene, durante a qual usaram da palavra, em primeiro lugar, o sr. Tenente José Justiniano do Nascimento, que enalteceu a obra levada a efeito a expensas do Ministério da Educação Nacional, e acentuou as dificuldades materiais em que a Casa dos Pescadores se vê, dada a crise das indústrias da pesca e das conservas, para prover ao sustento daquela cantina. Encerrou a sessão o Chefe do Distrito que, em breves palavras, acentuou a forma carinhosa e profícua como vem actuando o Ministério da Educação Nacional, construindo escolas e cantinas, que em muitas circunstâncias sustenta em todo o seu funcionamento. No caso desta cantina, construída pelo Ministério da Educação Nacional, disse, não poderá o Estado, nem tão pouco o Governo Civil, conceder subsídios para a sua sustentação, visto que, em face das Leis vigentes, só é possível conceder subsídios a cantinas edificadas por iniciativa particular ou dos organismos oficiais. Porém, dado que ao Governo Civil é possível, e legal, conceder subsídios à Comissão Municipal de Assistência, o caso, segundo afirmou, não deixará de ter a sua solução adequada.

Lembrou o Chefe do Distrito que seria de desejar, e por conseguinte da mais sã política, a congregação dos esforços e da boa vontade de todos os olhanenses, no sentido de se tornar mais ampla e mais eficiente a assistência aos pescadores em condições de trabalharem, de forma a que essa assistência lhes não seja prestada apenas no sentido de caridade, que tantas vezes diminui, mas como origem de um dever social. Acentuou, por último, Sua Excelência, que, encontrada solução para sérias dificuldades de assistência que lhe foram apresentadas, a Comissão Municipal de Assistência está em condições de poder fornecer aos pescadores, neste período difícil, refeições quentes, mais numerosas e abundantes. Entusiasticamente aplaudido, o Chefe do Distrito inaugurou a nova cantina, na qual as crianças das escolas tiveram a sua primeira refeição.

Introduzido mais este melhoramento de incontestável valor nesta progressiva vila, julgamos um dever manifestar publicamente às instâncias superiores, e particularmente ao sr. Ministro da Educação Nacional, e ainda à Junta Central das Casas dos Pescadores, o profundo reconhecimento de uma população, que só deseja o bem estar e o progresso da terra que lhe foi berço. — e.

Introduzido mais este melhoramento de incontestável valor nesta progressiva vila, julgamos um dever manifestar publicamente às instâncias superiores, e particularmente ao sr. Ministro da Educação Nacional, e ainda à Junta Central das Casas dos Pescadores, o profundo reconhecimento de uma população, que só deseja o bem estar e o progresso da terra que lhe foi berço. — e.

Lâmpadas 'PHILIPS'

GRANDE VARIEDADE

e todos os produtos desta GRANDE MARCA

RAMOS & MATEUS

Vila Real de Santo António

Visado pela Comissão de Censura

za invulgar, alegradas por quase todas as flores mais conhecidas. As senhoras que assistiam à sua passagem ficaram maravilhadas e admiraram-se do encanto que encontraram, em anos passados, nos tecidos de algodão. Na verdade, só a seda natural, baba do paciente bichinho, pode dar toda a delicadeza do matiz de uma rosa cor de carne, ou toda a cor forte de um cravo vermelho, como os de Granada. E não foi dos menores encantos desta passagem, num gélido inverno, com a neve a cair lá fora, assistir-se a um verdadeiro desabrochar destas lindas flores que, embora estampadas, evocavam irresistivelmente a primavera, com a sua beleza e os seus perfumes.

LUZ DE TAVIRA

Pingue-Pongue

No salão de recreio da Casa do Povo desta localidade, realiza-se hoje, pelas 15 horas, um encontro amigável de ténis de mesa, entre as equipas do Clube Náutico de Portugal, de Vila Real de Santo António, e do Centro de Recreio Popular da referida Casa do Povo.

A equipa local pensa retribuir a visita, num dos seguintes domingos do corrente mês

Melhoramentos

Encontram-se bastante adiantados os trabalhos da rede de instalação eléctrica desta localidade. Segundo consta, a sua inauguração deverá fazer-se ainda no corrente semestre. Vão assim os Luzenses, dentro em pouco, ver satisfeita uma sua aspiração que há muito desejam. Pena é que o amplo e bem delimitado rossio, fronteiro à Igreja Matriz, não seja embelezado como devia, com uma coluna dupla ou tripla ao centro, com os respectivos nabos a dar-lhe a luz que bem merece. Como achamos que ainda é tempo, pois, aqui fica, o nosso alvitre. — e.

PORTIMÃO

Hospital da Misericórdia de Portimão

Foi o seguinte o movimento de doentes no mês de Dezembro de 1953:

Transitaram do mês anterior, 21; entraram durante o mês, 47; total 68. Saíram com alta, 46; faleceu 1. Transitaram para o mês seguinte, 21. Consultas, 118; tratamentos, 366; tratamentos de urgência, 60; Operações, 9; intervenções de pequena cirurgia, 15; radiografias, 8; análises, 13. Total dos serviços prestados, 657.

O Algarve... esse desconhecido

Segundo noticiaram os grandes rotativos lisboetas, em breve circularão no País mais 35 automotoras, já concluídas e que se destinam aos caminhos de ferro de via larga e reduzida, (que são as linhas da Póvoa, Vale do Vouga, do Tua, do Corvo e do Sabor).

O Algarve, segundo parece, ficou esquecido, o que não nos decepciona, por já estarmos habituados.

Embora sobre «roupa para mangas», não comentamos mais o caso.

O Carnaval em Portimão

Com dias amenos, de radioso sol primaveril, realizaram-se nesta cidade três Batalhas de Flores, que decorreram no meio de muita alegria e boa disposição, tendo o produto líquido dos festejos revertido a favor do Hospital da Misericórdia local.

Também nas Sociedades Recreativas e no Casino da Praia da Rocha, o Carnaval ficou assinalado com a realização de animados bailes e outros festejos.

Cine-Teatro

Com as lotações completamente esgotadas, apresentou o Cine-Teatro no passado domingo, 7, em «matinée» e «soirée» e segunda-feira, 8, em «soirée» o filme «Luzes da Ribalta» (Limelight), que obteve um estrondoso êxito.

Teatro

A representação teatral, marcada para a época carnavalesca, ficou adiada para o próximo dia 15, tendo lugar na sala do Cine-Teatro. Entre outros, destacam-se no grupo: António Jorge e suas filhas Maria Luísa Jorge e Zulmira Jorge.

Notícia Pessoal

Tem permanecido entre nós o sr. Armando António Firmino, filiado da Mocidade Portuguesa, na Ala n.º 1, de Faro e actual campeão do Algarve da classe de «Snipe».

Circo Popular

Esta modesta companhia de circo tem realizado bastantes espectáculos nesta cidade, estando prevista a sua despedida para muito breve. — e.

Ao comércio

Indivíduo, 20 anos, apresentável e educado, conhecimentos de comércio interno e externo e contabilidade, ex-viajante, aceita emprego, representação ou agência de firma(s) interessada(s) nos s/serviços. Dá as melhores referências.

Resposta ao correspondente deste jornal, em Portimão.

De vez em quando...

Uma campanha

MERITÓRIA

A CAMPANHA que a revista «Modas e Bordados» iniciou e está realizando, com resultados práticos, merece-me a maior simpatia e desperta-me uma viva saudade. Lembram-me os meus recuados tempos de menino, em que eu passava longos momentos embevecido, a admirar uma velhinha que agenciava o seu pão, cirandando com o seu tear, a sua roda e a sua roca.

São modestas e velhas artes caseiras, pequenas indústrias tão necessárias à vida das populações, que deste modo exerciam a sua actividade.

Recordam-me os oleiros de Martinlongo, já em completa decadência; os ferreiros de Peireiro e Vaqueiros, batendo os ferros indispensáveis à lavra dos campos; as tecedeiras de Giões, fazendo as meias de lá que iam vender às feiras do sotavento algarvio, onde tinham boa aceitação, e teciam o burel com que se faziam os varinos, em que se embrulhavam, nas gélidas manhãs de inverno, os pescadores de Monte Gordo; as doceiras de Alcoutim, que enxameavam as feiras limítrofes, vendendo os seus bolos, entre eles o nógado, que, quando elas se apuram, não o encontrei ainda melhor cá por fora.

O doce do Algarve tem, sobre os de outras regiões, a vantagem da amêndoa. A minha terra tinha merecida fama pela sua doçaria. No mês de maio, o Mês de Maria, aos domingos à tarde, eram enormes e apetitosas as bandejas de bolos com que as senhoras mórdomas obsequiavam as meninas que cantavam e quem mais auxiliava as cerimónias religiosas. E no dia da festa, era uma profusão incrível de doce.

Onde pararão as receitas de bolos tão deliciosos, cuja feitura, para marcar os necessários espaços, era entremeadada de Padre-Nossos e Credos?

E por todo o concelho, indistintamente, havia as tecedeiras, que trabalhavam os tecidos com que os seus homens se vestiam, as mantas tão fartas e tão fortes que duravam gerações, os bancais com que se enfeitavam as albardaduras das bestas que conduziam as mulheres à missa ou a casamentos e cuja beleza chamou a atenção do General Francisco José Pinto, chefe da delegação brasileira às comemorações centenárias, e que sobre eles pediu explicações, na exposição de Faro.

Tantas e tantas coisas de utilidade indiscutível e de arte maravilhosa, que se vão perdendo sob a poeira do tempo e do esquecimento. Trazê-las novamente à luz do dia, é obra meritória. Embevecem os nossos olhos e concorrem para que cada família possa adquirir meios de combate pela vida, cada vez mais dura de viver. Bem hajam os que se lançaram nesta cruzada.

Por mim, com uma saudade muito profunda pelo que lá vai e se pretende agora reviver, aqui deixo os meus rendidos e entusiásticos louvores.

Trindade e Lima

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 6 a 12 de Março:

Entrados:

COSTEIRO, Português, de 629 toneladas, de Lisboa, vazio.

DÉLIA, Alemão, de 1385 toneladas, de Lisboa, com carga em trânsito.

ZÉ MANEL, Português, de 926 toneladas, de Lisboa, vazio.

Saídos:

COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.

DÉLIA, Alemão, com grão de alfalfa e conservas, para Roterdão.

ZÉ MANEL, Português, com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 13 a 19 de Março, a Farmácia Carmo, Rua S. João de Brito - Telefone 31.

HORÁRIO DE CAMIONETAS

Vila Real - Faro:

Às 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa) - 9,30 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30 - 18,30.

A FAVOR

DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

A Comissão de Festas, angariadora de fundos para os Bombeiros Voluntários desta vila, promove já grandes preparativos para a realização, no sábado de aleluia, de um interessante baile, que se efectuará na Sala Nobre da Capitania do Porto.

Pela expectativa que já está causando a realização desta festa, que terá algumas atracções, é de esperar que a mesma exceda em brilho e animação as dos anos anteriores.

ASPIRADORES ENCERADORAS "PHILIPS"

Todas as facilidades de pagamento

RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

«O Castanheirense»

Comemorou, no dia 20 do mês passado, o seu décimo oitavo ano de publicação, o nosso prezado colega «O Castanheirense», de Castanheira de Pera, que apresenta um número especial, com elevado número de páginas, óptima colaboração e excelente aspecto gráfico.

Endereçamos-lhe as nossas felicitações, com votos de muitas prosperidades e longa vida.

TRADUÇÕES E CORRESPONDÊNCIA

em Francês, Italiano, Espanhol, Inglês e Alemão, (Comercial ou Técnica), executado em m/ casa, a preços módicos, c/ rapidez e discreção, em máquina nova «OLIVER», gentill oferta dos Est. SIDA, Lda., de Lisboa.

F. MORAIS RODRIGUES

R. Miguel Bombarda, 30
Vila Real de Santo António

Sindicato Nacional dos Operários

da Indústria de Conservas de Peixe

Foi superiormente nomeada uma Comissão Administrativa para gerir a Secção de Vila Real de Santo António do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas de Peixe, constituída pelos seguintes operários:

Presidente, Daniel do Carmo Martins; Secretário, Damião Gomes Inácio, e Tesoureiro, António de Sousa Parra.

Os respectivos comissionados já tomaram posse dos seus cargos.

CRÓNICAS SEM IMPORTÂNCIA

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

do mundo. No café, numa pequena mesa, num sítio discreto e confortável, o nosso futuro grande-homem tem aí o seu cenáculo, uma dezena de olhos sempre suspensos dos seus lábios, sófregos das suas palavras, como se bebessem avidamente um delicioso elixir, qualquer coisa de maravilhoso saído das mãos milagrosas duma deusa. Se um companheiro mais irreverente balbucia o nome dum Descartes ou dum Kant, Olegário sorri tristemente, quase com compaixão, passa as mãos mimosas e bem cuidadas pelo cabelo, e a sua voz, uma voz linda de pássaro de gaiola, atira com o maior desgosto desta vida:—Ora, Descartes, Kant, racionalistas, agnósticos, que fauna incômoda e inútil, que parvalhões e impostores! Porque, para Olegário, todos são impostores, todos são malucos ou mistificadores. Ou a verdade absoluta ou o erro absoluto. Para ele, não há possível alternativa. Ou sim... ou sopas... A sua filosofia encerra-se em meia dúzia de conceitos, aprendidos entre o tempo que leva a beber a chávena de café e a fumar o seu delicioso «Camel». E a vida corre e flui serenamente, desde que o moiro do velho continue a escorregar com o dinheiro, até ele se decidir a enveredar pela vida séria, arranjar um bom emprego, um emprego principesco, já que a sua robusta inteligência lhe recusa aceitar lugares apenas bons para escravos.

Um bom emprego, no seu entender, é o lugar que proporciona bons réditos, dispendendo a menor soma de esforços. Não é isso, meninos? E os meninos, apáticos, concordam plenamente com a asserção do amigo, tão exacta como um teorema matemático e tão clara como um líquido que se chama água. Se alguém, por toleima ou por espírito de contradição, levanta uma dúvida, Olegário sorri, superiormente, e vem com uma longa e fundamentada dissertação, capaz de convencer o indivíduo mais obtuso e teimoso do orbe. Tudo nos indica—começa ele—que o homem, através da técnica, se vem libertando deste pesado fardo, que constitui ainda, infelizmente, a triste e dolorosa herança deixada pelo nosso remoto avô Adão.

Leiam, as estatísticas, rapazes, leiam as estatísticas, e verão que nada invento! Mas, mesmo abstraindo poder inegável da máquina, peço-lhes que se detenham uns minutos sobre a história social da velha Grécia. Lá encontrarão os metecos, os periecos, os hilotas, os escravos, que constituíam a base do edifício social e económico, e permitiam assim a realidade da plenitude grega; os privilegiados que saboreavam os belos frutos da natureza e da arte. Pois, amigos, isto da vida tem sido sempre a mesma coisa,

boa para os que têm cabeça e ingrata para os que nasceram pecos e falhos de inteligência. Um dia, compara a vida a um complicado jogo; noutras ocasiões, enrola a vida no papel duvidoso de meia dúzia de axiomas que aprendeu; e constantemente mostra o seu espírito vivo, cintilante, essa pedraria de boas jóias, que fazem o prazer dos que vivem a seu lado.

E assim, Olegário Boavida da Felicidade Constante vai conquistando na pequena cidade uma auréola de homem superior e talentoso, homem muito culto, dado às belas artes e aos mimos do espírito. Na pequena cidade onde os acontecimentos não surgem com aquela variedade e pressa que a rotina exige, Olegário começa a ser o homem mais falado da terra.

Murmuram-se coisas esquisitas e pouco abonatórias para o nosso herói. Felizmente, os detractores reduzem-se a dois ou três mancebos despeitados, pessoas insignificantes que a inveja vai roendo, como uma doença secreta e vergonhosa.

A opinião geral, unânime, é que a terra vai ter, finalmente, um homem que a imponha e celebre, um grande homem, que dará que falar ao mundo. Este rapaz vai longe! E toda a gente a dizê-lo, com os pés assentes na terra e os olhos em êxtase no céu. Nós não abandonaremos este auspicioso Olegário; voltaremos a falar nele aos nossos leitores, convencidos de que contribuiremos para o tornar mais conhecido, prestando-lhe assim a nossa homenagem, insignificante tributo ao seu rotundo talento e à sua robusta inteligência. Aliás, as suas aventuras bem merecem que lhe prestemos um pouco da nossa atenção.

Rodríguez Pena

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositarie nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República—Telefone 12

«CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO»

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

as doenças que merece, assim também os crimes são directamente proporcionais à precária educação que governa com a sociedade. Há degenerações individuais, na medida em que as sociedades são degeneradas.

Na palavra educação, que atrás empregamos, não vai apenas a uma filosofia moral e religiosa. O homem não é apenas alma a considerar, é também corpo, pelo que é forçoso que a sociedade garanta aos seus membros um mínimo de bem-estar económico—provado como está que sem ele não há virtude.

As injustiças consentidas pela sociedade serão sempre viveiro do vício e do crime. Educação social, que não cure de as reparar, a si mesma se está passando certificado de óbito prematuro. A terapêutica do cárcere e da cadeira eléctrica é uma terapêutica de trogloditas. Trogloditas por dentro, embora, por fora, aparentemente de civilizados.

ATENÇÃO

À MANEIRA de Montaigne, escreveu também Francisco Bacon Ensaios famosos, num estilo ao mesmo tempo completo, exacto e pronto, e que tem o subtil encanto da conversação familiar. E parece que falava com um poder de sedução igual ao da escrita, provocando aquilo a que poderíamos chamar a atenção-esponja. Diz-se que os seus ouvintes recebiam tossir ou desviar a vista, para que não perdessem alguma coisa do que ele dizia, «e o receio de toda a gente era que ele terminasse de falar.»

Dr. Cruz Malpique

AS ACTIVIDADES REGIONAIS

e a Escola Industrial e Comercial

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

sa o número de sessenta unidades, número que é provável seja suplantado, dentro de algum tempo, com a criação de novas e revolucionárias artes de pesca dos grandes peixes, que estão a ser estudadas por técnicos nacionais e estrangeiros, e que carecem de pessoal familiarizado com a mecânica.

Perante tais necessidades, perante o entusiasmo que a escola tem despertado nas populações interessadas, um único caminho nos resta: solicitar ao Governo que a escola prevista no Decreto-lei n.º 36.409 seja posta a funcionar. Além de se praticar um acto de justiça e de coerência, presta-se um alto serviço às actividades regionais que, pela sua natureza, se repercutem no interesse da Nação.

O aplauso do Município de CASTRO MARIM

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

sional, de que muitos rapazes deste concelho virão a beneficiar.

Queira V. aceitar os protestos do nosso muito reconhecimento pela louvável iniciativa de reavivar uma antiga aspiração do concelho de Vila Real de Santo António, e que trará para este não só os seus conhecimentos técnicos como os respectivos reflexos morais. Que «O Século» acompanhe as nossas aspirações como sempre tem feito nas causas justíssimas para engrandecimento da Nação.»

ÓPTICA

Antes de aviar a vossa receita, deveis consultar a:

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65-66

Vila Real de Santo António

Onde encontrareis valioso sortido, a preços muito convidativos.

AFINAL NÃO FORAM OS ALGARVIOS QUE FUNDARAM MOÇÂMEDES

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

tural do concelho de Maia; José Joaquim de Pinho, componente da Primeira Colónia, era natural de Aveiro; Manuel Rodrigues Pinto da Rocha, componente da Segunda Colónia, era natural de Tendais (distrito de Viseu).

Alega o Dr. Armando Carneiro o seguinte facto, a comprovar, segundo ele, «que a notícia mais antiga de que há registo sobre os algarvios no Sul de Angola é aquela que nos dá um tripulante da corveta de guerra «Isabel Maria» que foi àquelas paragens, numa viagem de reconhecimento de soberania portuguesa, em 1839.

E, mais adiante, «este tripulante chama-se Joaquim José Cardoso, nascido em Quelfes, no ano 1832.

...Iniciaram os preparativos para a partida num caíque de pesca, propriedade de Manuel do Carmo Martins Morgado, registado na Intendência de Marinha do Algarve, em Faro.

E, ainda mais adiante, «lá partiram a bordo do caíque «Senhora do Rosário» comandado pelo marinheiro Joaquim José Cardoso, os filhos do mestre Manuel Morgado, Manuel e Januário, e Domingos Galambas, um pescador curtido. Em Julho de 1843, aportaram estes pioneiros algarvios e, ao mesmo tempo, os primeiros povoadores da Angra do Negro.»

Falsíssimo. Os primeiros povoadores da Angra não eram algarvios. Os primeiros povoadores da Angra foram os donos das feitorias comerciais, que ali se estabeleceram, a partir do ano de 1841, a saber: Bernardino José Brochado, de sociedade com uma senhora, no mesmo ano de 1841; José Maria Teixeira Cravela, negociante no Norte do Zaire, também em 1841; Clemente Eleutério Freire, de sociedade com outro, ainda no mesmo ano; Fernando José Cardoso Guimarães, associado a outros, todos de Luanda, em 1843; João Pinto Gonçalves, de Noyo Redondo, também em 1843; Venâncio António da Silva, em 1844; João António Magalhães, em 1845. Etc., etc...

Estes é que foram os primeiros povoadores da Angra. Tais informações encontram-se nos Anais do Município de Moçâmedes, estampados nos Anais do Conselho Ultramarino, duas publicações oficiais, de 1856.

Mas o Dr. Armando Carneiro afirma que os primeiros povoadores da Angra foram os algarvios, desembarcados do caíque «Nossa Senhora do Rosário», em 13 de Julho de 1843, entre os quais Domingos Galambas.

Poderá este facto demonstrar que eles fundaram ou colonizaram Moçâmedes, fixando-se na sua capital ou disseminando-se pelo distrito? Mas que se entende por colonizar? Colonizar é transportar-se para um país distante, com o ânimo de permanecer nele, levando consigo hábitos de trabalho, fazendo-se acompanhar de família ou constituindo-a, organizando um lar e exercendo qualquer modo de vida ou qualquer ocupação económica. Estes administradores de feitorias, que primeiro povoaram Moçâmedes, ensinaram a cultura da terra, experimentaram a indústria da pesca e iniciaram a lida do comércio. Chegaram até a exportar produtos sertanejos, como o marfim e a cera.

Não confundamos. Uma coisa é ser colonizador (verdadeiro fundador); outra coisa é ser povoador ou mero habitante acidental.

Continuando, e referindo-se a Fernando José Cardoso Guimarães, o Dr. Armando Carneiro solta este brado «confesso sinceramente não saber onde estes senhores foram buscar o nome de Fernando José Cardoso Guimarães, não só como algarvio, mas como colono. O apelido Guimarães não é algarvio, mas sim minhoto.»

Eu nunca disse que Fernando José Cardoso Guimarães era algarvio, como parece o Dr. Armando Carneiro pretender dar a entender.

Li, também, o livro de Alfredo Felner, notável historiador colonial, Apontamentos sobre a colonização dos planaltos e litoral do Sul de Angola, em três volumes, e o livro Monografia do concelho de Olhão, de Ataíde de Oliveira. Foi por estes livros que tive conhecimento de que o primeiro grupo de algarvios que colonizaram Moçâmedes foi constituído pelos seguintes colonos: Francisco de Sousa Ganho, António de Sousa Ganho e Francisco de Sousa Ganho Júnior (que eu conheci).

Foi também por estes livros que fui informado de que o segundo grupo de algarvios, idos de Olhão no caíque

«Flor de Maio», se compunha, entre outros, de Domingos Galambas (que também conheci).

Fui contemporâneo de Francisco de Sousa Ganho Júnior e até de Domingos Galambas. Sobre Domingos Galambas, pronunciar-me-ei definitivamente, se for preciso, quando conseguir haver às mãos a prometida certidão de nascimento.

Conheci Francisco de Sousa Ganho e Domingos Galambas, cujos retratos reproduzi, como se pode ver no Boletim Geral do Ultramar.

Afirma o Dr. Armando Carneiro que possui certidões de nascimento e outros documentos, etc. Também eu, e não poucos. Sobre Domingos Galambas, posso já dizer-lhe que, em Março de 1861, tendo-se dirigido, primeiro para o Baba, voltou, depois, para Moçâmedes. E que faleceu em 25 de Julho de 1910, em Lapa dos Lobos, concelho de Nelas.

Isto seria um nunca acabar, a citar nomes e a expor factos.

Em suma, os Portugueses Emigrantes de Pernambuco (os pernambucanos, como lhes chama o Dr. Armando Carneiro) foram os verdadeiros fundadores de Moçâmedes. Ainda o Dr. Armando Carneiro não conseguiu destruir esta afirmação.

1849 é que é a data da fundação do Distrito, com o início da colonização, pela chegada a Moçâmedes do primeiro grupo de Emigrantes Portugueses de Pernambuco, cujos componentes, bem como os do segundo, e conseguiram a utilização vantajosa dos recursos naturais e tornaram possível, pelo número e pelas condições, a organização regular do aglomerado populacional que formaram. Foram eles, incontestavelmente, os Fundadores do Distrito.

Os primeiros aglomerados populacionais criados pelos algarvios foram Porto Alexandre e a Baía dos Tigres (e não a então vila de Moçâmedes ou os seus arrabaldes). E isto depois de 1860. Antes, só acidentalmente podiam ter estado em Moçâmedes. Mas não contribuíram para a formação da povoação. Não colonizaram. Em Porto Alexandre e Baía dos Tigres, sim, é que formaram as respectivas povoações.

Levei anos a estudar os documentos sobre a colonização do Distrito. Neles me firmei, tendo por isso a certeza de que estou na verdade. E essa certeza não pode ser aniquilada por mero capricho de quem quer que seja.

Os Colonos de 49 e 50 e os seus contemporâneos da Primeira Organização ergueram no Distrito a primeira povoação, e nele iniciaram a exploração agrícola, a labutação piscatória, o movimento comercial e a organização regular do aglomerado populacional criado. Foram, porém, os colonos algarvios de Olhão que fundaram Porto Alexandre, o segundo núcleo demográfico do Distrito. Em Porto Alexandre encontraram, é certo, os primeiros industriais de pesca (os Emigrantes Portugueses de Pernambuco). Mas estes, muito poucos, abandonaram cedo a futura povoação. Foram os algarvios de Olhão que construíram, em Porto Alexandre, as primeiras casas e ali se dedicaram, com resultados eficientes, às indústrias do mar. Colonizaram, enfim,

Os Colonos de 49 e 50 e os seus contemporâneos na fase da Primeira Organização foram os imortais Fundadores do Distrito; os Colonos algarvios de Olhão, os imortais impulsionadores da principal das suas indústrias: — a da pesca.

E, quanto a aglomerados demográficos, Os Colonos de 49 e 50 e os seus contemporâneos, na fase da Primeira Organização, criaram a cidade de Moçâmedes, e os Colonos algarvios Olhanenses as duas povoações que se lhe seguem em importância: Porto Alexandre e Baía dos Tigres.

O HOMEM DE HOJE
Não pode sujeitar-se a processos antiquados!

PHILISHAVE

MÁQUINA ELÉCTRICA DE BARBEAR
Mais Rápida—Mais Prática—Mais Higiênica

A PRONTO e com todas as FACILIDADES DE PAGAMENTO

RAMOS & MATEUS
Vila Real de Santo António

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
15. R. DOS FANQUEIROS — LISBOA
TELEF. 21143/21799

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O motor rápido

“Sloterdyk”

carrega em LISBOA em 26 de ABRIL

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DRINA» — 23 de Março

«DALERDYK» — 10 de Abril

Campeonato Nacional da II Divisão

● FUTEBOL ●

FARENSE, 5-ALMADA, 2

Vontade e energia a rodos, foram as notas dominantes

Era realmente torrencial a chuva que caiu no domingo passado, e nem por isso deixámos de nos deslocar a Faro, a fim de presenciarmos o encontro Farense-Almada. Como era de esperar, o campo de S. Luís registou fraca assistência, apesar da chuva ter deixado de cair quando principiou o prélio. Com os jogos de domingo, terminou a 1.ª fase deste campeonato, tendo ficado qualificados, na zona C, para a fase imediata, os clubes da CUF do Barreiro e do Juventude de Évora.

A vitória do Farense sobre os seus briosos e correctos adversários foi merecida, pela superioridade global. Os dois grupos jogaram os 90 minutos, com vontade, valentia e energia e uma boa preparação. A conclusão que temos a tirar deste encontro é esta: os algarvios venceram, sem deixar lugar a reticências. Na verdade, a 1.ª parte foi excelentemente jogada, pelos locais, com todos os jogadores no seu lugar e a fazerem correr a bola com facilidade, colocando repetidas vezes em sérias dificuldades a forte defesa do Almada.

O Farense começou a partida com enorme ímpeto e entusiasmo, procurando com afinco o gol. Num livre de canto, apontado por Queimado, Pessoa Duarte, ao querer salvar a bola, teve que agarrá-la com a mão, sendo marcada uma grande penalidade que Vinuesa transformou no 1.º golo. A seguir a um centro de Agostinho, que passou o defesa esquerdo, Queimado fez elevar para 2-0 o marcador. Foi ainda o Farense, por mais duas vezes, que aumentou a vantagem, por intermédio de Vinuesa e J. Joaquim, depois de ter passado quatro adversários, e assim terminou o 1.º tempo com 4-0.

Neste 1.º tempo, na verdade, os locais jogaram em belo plano, revelando nitidamente as suas grandes possibilidades no momento actual. A bola andou sempre rente ao solo, girando com facilidade de uns para os outros, sem lances individuais, tudo baseado num sentido de conjunto e rapidez, que é o actual segredo da equipa. O Almada, neste tempo, foi uma equipa nitidamente subjugada pelo melhor jogo do Farense, sendo obrigado a uma defesa porfiada e intensa, pois os algarvios, graças à sua insistência não lhes deram tempo de atacar.

No 1.º minuto do 2.º tempo, o Farense, elevou o marcador para 5-0, numa jogada inteligentíssima de Queimado, para Balela. O Almada alcançou dois golos com toda a justiça, por intermédio de Teixeira, jogador veterano mas

com bom sentido de ataque, e outra por Estrela, numa jogada em que Ventura foi batido infantilmente. Com o resultado de 5-2, terminou o encontro.

Gostámos da actuação do guarda-visitante, que não se pode culpar pelos golos sofridos, assim como Pessoa Duarte, Teixeira e Estrela.

No Farense, destacamos Celestino, José Maria, José Joaquim e Queimado.

O sr. Luís de Magalhães, auxiliado por Fernando Sacramento e Mário Ribeiro, fez uma arbitragem impecável.

A vitória do Olhanense no Montijo

Foi com grande surpresa que os adeptos locais receberam a notícia da vitória do Olhanense, alcançada sobre o Montijo, em Alcochete. Foi realmente surpresa esta vitória, que muito se fica devendo à tarde magistral de Fernandes (substituto de Abraão), Del Duca e Simões.

Abraão jogará no próximo torneio?

A Associação de Faro, no propósito de não deixar morrer o futebol, organiza muito em breve, talvez no dia 21 do corrente, um torneio entre o Farense, Olhanense e Portimonense, contando-se também com a participação do Lusitano. Este não deu, todavia, a sua adesão a tão útil torneio. Esperamos pois, a sua participação, mas o mais provável é ser o Silves o seu substituto. Abraão, que há muito tempo não joga, talvez reapareça neste torneio.

A nova direcção do S. C. Olhanense contratou por mais uma época os jogadores argentinos

Na sua reunião de 5 do corrente, foi aprovado, pela direcção do Olhanense, ficarem por mais uma época com os jogadores argentinos, Del Duca, Osvaldo Berdejo e Santiago.

Os juniores do Olhanense em marcha

Com a vitória alcançada no passado domingo, frente ao Sport Lisboa e Faro, por 4-0, está em boa marcha a equipa de juniores do Olhanense, que é, sem dúvida, a melhor do torneio, sendo todos jogadores de futuro. Não tendo mais nenhum jogo difícil, a não ser aquele que jogam em Faro contra o Farense, que também se encontra com pretensões ao título. O Farense, em Faro, bateu por 3-1 o Portimonense, quando tinha tido a derrota de 1-0, em Portimão.

Herculano Valente

Resultados da 22.ª jornada:

Montemor, 5 - LUSITANO, 0
Farense, 5 - Almada, 2
Montijo, 1 - Olhanense, 2
S. Domingos, 2 - Portimon., 2
Esp. de Beja, 2 - Luso, 0
C. U. F., 2 - Juventude, 2

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
C. U. F.	22	16	8	3	59	22 35
Juventude	22	12	7	3	42	19 31
Portimonense	22	11	5	6	41	29 27
União Sport.	22	13	1	8	51	28 27
Olhanense	22	11	8	3	41	28 25
Sporting Farense	22	9	6	7	43	40 24
Montijo	22	10	2	10	40	29 22
Esp. de Beja	22	8	5	9	27	36 21
Almada A. C.	22	9	2	11	37	46 20
LUSITANO	22	7	2	13	30	43 16
Luso	22	3	4	15	24	51 10
S. Domingos	22	2	2	18	16	79 6

VENDE-SE

Uma CASA na Rua Miguel Bombarda, n.º 13, com sete divisões e quintal.

Trata-se com a própria Viúva de João da Costa Raminho.

RELÓGIOS DE BOAS MARCAS

COM GARANTIA

A preços fora de toda a concorrência

RAMOS & MATEUS

Vila Real de Santo António



CAMPEONATO DISTRITAL DE BASQUETEBOL

5.ª jornada, 7 de Março de 1954

1.ª Categoria

Sport Lisboa e Faro, 5

(2 cestas e 1 livre em 4 tentados)

O. D. «Os Olhanenses», 14
(7 cestas)

Fernandes, Carvalho, Rocha (1), Fontainhas, Piçarra, Marmota, Rodrigues (2), Calam e Gomes (2).
Gaivota, Teixeira (2), Serrano (6), A. Azinheira, Amaro (4) e Madeira (2).

Resultado do primeiro tempo, 6-0 a favor de «Os Olhanenses».

Na falta do árbitro indicado, arbitrou o sr. José F. Lisboa.

Sporting Clube Farense, 14

(4 cestas e 2 livres)

O. F. «Os Bonjoanenses», 10

(3 cestas e 4 livres em 12 marcados)

Marcos (2), Mónica, Cesário (3), Estevinha (1), Bastardinho (3), Vinhas (6), Silva, A. F. Silva e Madeira.

O'Brien (2), Alfredo, Cabrita, Frazão, Brito (6), J. Azinheira e Ferreira (2).

Resultado do primeiro tempo: 6-5, a favor do Farense.

Árbitro — Rui Nobre.

Ginásio C. Olhanense-S. C. Olhanense foi adiado, por o campo se encontrar impraticável.

2.ª Categoria

C. D. «Os Olhanenses», marca pontos por falta de comparação do S. L. Faro.

Os jogos foram disputados debaixo de chuva, e em campos em mau estado para a prática do basquetebol.

No jogo S. L. Faro-G. D. «Os Olhanenses», verificou-se a falta de todos os oficiais nomeados para o jogo, o que é lamentável.



a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino de Miranda & C.ª L.ª

R. S. Francisco, 41-Apartado 205-Porto

A ILVSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232 LISBOA

TELEF. 25764

FOTO-ZINCO

TRICROMIA

FOTOGRAVURA

ZINCO-GRVURA

E

DESENHO

SECÇÃO DE CINEMA

POR VITORIANO ROSA

A «Imagem» reapareceu!

Em vez da «antiga revista popular de cinema», a «Imagem» volta agora a publicar-se, totalmente remodelada, tendo na chefia da redacção o nome prestigioso de José Ernesto de Souza (ex-aluno do IDHEC), que anteriormente dera magníficas provas na revista «Plano Focal». Com a designação de «revista de divulgação cinematográfica», a «Imagem» anuncia, para os próximos números, a colaboração de prestigiosos ensaístas. Com confiança, aguardemos a saída desses números, na certeza, porém, de que a supressão da publicidade, que lhe ocupa grande número de páginas, seria o melhor caminho para uma revista cujos objectivos são de verdadeira divulgação cultural.

«Visor» prossegue!

Em Rio Maior (vila de 7.000 habitantes, que não tem livrarias), atingiu agora o seu nono número a simpática «Visor». Eis um exemplo de quanto pode a perseverança e a boa vontade! E é consolador verificar que a revista que Fernando Duarte dirige melhor, de número para número, afirmando-se como a melhor publicação existente entre nós. Recomendamo-la vivamente aos nossos leitores.

O novo cinema de Faro

O Cine Santo António, cuja inauguração foi coroada do maior sucesso, é agora uma sala de espectáculos de que o Algarve se pode orgulhar. O público tem accedido às sessões, realizadas com enorme afinência, registando-se lotações esgotadas. Só é de desejar que a programação escolhida se coadune com o alto nível de categoria da sala, tendo em conta a ascendência do gosto do público, que já se saturou das produções banalizadas de Hollywood, diante das novas produções inglesas, francesas, italianas, brasileiras e indianas.

Um Cine-Clube no Algarve!

Em Olhão, prepara-se presentemente a fundação de um cine-club, iniciativa do maior interesse cultural, que se propõe esclarecer e educar o gosto do público, no sentido de lhe proporcionar o conhecimento do que o cinema pos-

sui de mais rico e fecundo, como Arte e Linguagem Universal.

Uma iniciativa exemplar!

A Sociedade Recreativa Progresso Olhanense tem em vista a instalação de um projector de 16 mm., no seu salão de festas, de modo a poder proporcionar aos seus associados a exibição de tantas obras-primas que se encontram no referido formato. A Direcção, a que preside o nosso amigo sr. Luciano Cativo, e que tem dado provas de largo espirito de iniciativa, tem envidado esforços para levar a cabo a referida iniciativa, cuja aprovação foi aclamada, em Assembleia Geral.

A decepção dos filmes caros

Com pequeno intervalo, foi feita a estreia, em Faro e em Olhão, do filme americano *Salomé*, que causou profunda decepção. Tanto pela falsificação histórica, que reduziu o «screen-play» às proporções de uma autêntica farsa, como pela confrangedora teatralidade.

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22 Vila Real de Santo António

Rádios «Philips»

Com as maiores facilidades de pagamento

RAMOS & MATEUS

Vila Real de Santo António